

Pequeno e perigoso



Streptococcus pneumoniae

Conheça o pneumococo, um organismo capaz de provocar dezenas de doenças.

O que é

Streptococcus pneumoniae, como também é conhecido o pneumococo, é uma espécie de bactéria gram-positiva — que possui parede celular com uma única e espessa camada, pertencente ao gênero *Streptococcus*. Leva esse nome por possuir forma de esfera, ou coco.

Descoberta

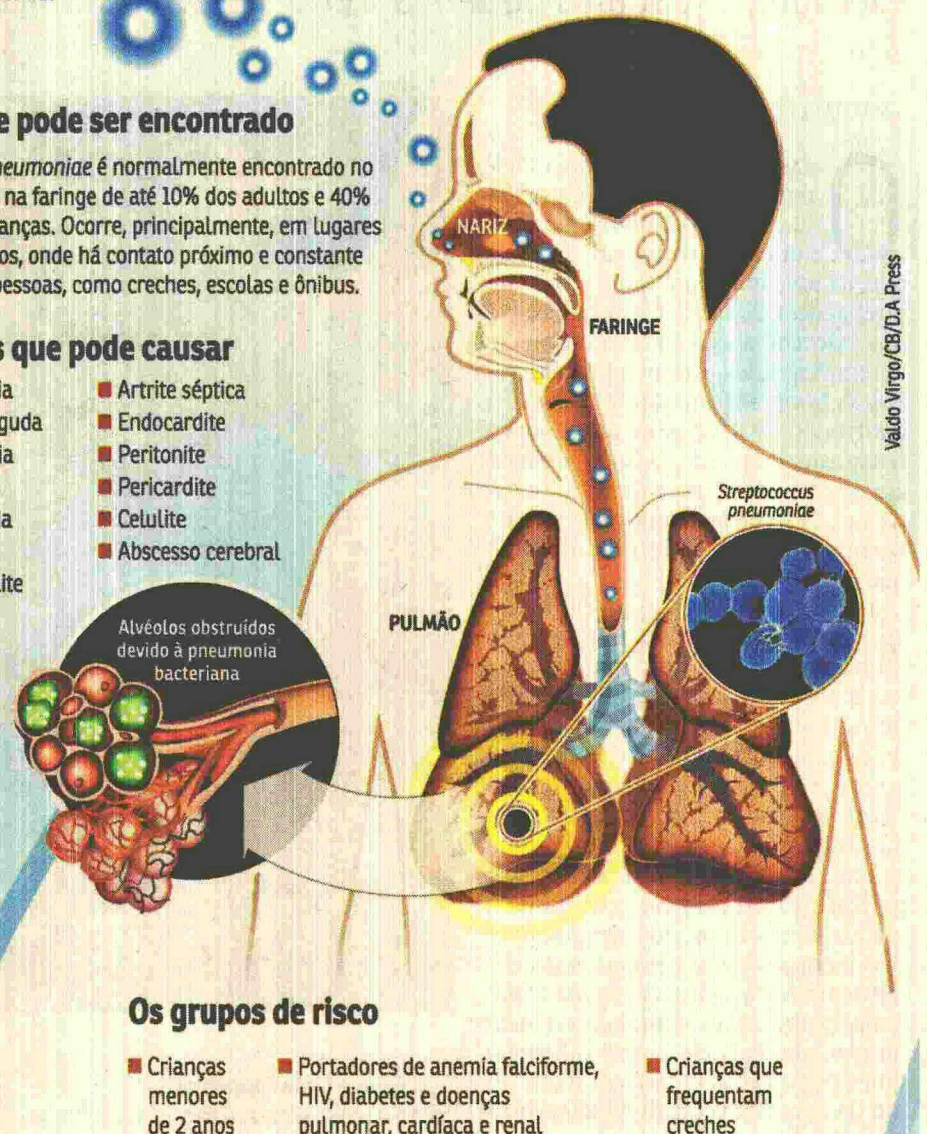
O organismo foi isolado inicialmente pelo médico norte-americano George Sternberg e pelo francês Louis Pasteur. O prefixo pneumo foi dado por ser o principal causador da pneumonia, no fim do século 18.

Onde pode ser encontrado

O *S. pneumoniae* é normalmente encontrado no nariz e na faringe de até 10% dos adultos e 40% das crianças. Ocorre, principalmente, em lugares fechados, onde há contato próximo e constante entre pessoas, como creches, escolas e ônibus.

Doenças que pode causar

- Pneumonia
- Sinusite aguda
- Otitite média
- Meningite
- Bacteremia
- Sepsis
- Osteomielite
- Artrite séptica
- Endocardite
- Peritonite
- Pericardite
- Celulite
- Abscesso cerebral



Os grupos de risco

- Crianças menores de 2 anos
- Portadores de anemia falciforme, HIV, diabetes e doenças pulmonar, cardíaca e renal
- Crianças que frequentam creches

Vacinas já existentes

Nos EUA

A pneumocócica heptavalente conjugada (PCV 7) é recomendada para todas as crianças entre 2 meses e 23 meses, além daquelas em situação de risco entre 2 anos e 5 anos. Para fazer efeito, são necessárias quatro doses, aplicadas aos 2 meses, 4 meses, 6 meses e 1 ano. No entanto, se uma criança é exposta a um sorotipo de pneumococo que não está contido na vacina, não consegue qualquer tipo de proteção.

No Reino Unido

Desde 2006, o governo britânico anunciou a introdução da vacina conjugada em crianças de 2 meses, 4 meses e 13 meses. Em 2009, a Agência Europeia de Medicamentos aprovou o uso de uma vacina conjugada pneumococcal decavalente, para uso na Europa.

Na África do Sul

O medicamento Pneumovax 23 é usado com uma taxa de eficácia que varia entre 76% e 92% contra 23 subtipos do pneumococo. Nos demais subtipos, não há proteção.

Ampliação da vacinação

Vacinas pneumocócicas estão tendo o seu acesso ampliado — elas são contempladas no Plano de Aceleração e desenvolvimento de Introdução de Vacinas (PneumoADIP, na sigla em inglês) — no mundo em desenvolvimento. O PneumoADIP é financiado pela Aliança Global para Vacinas e Imunização (Gavi). Trinta países manifestaram interesse em participar do projeto, que visa salvar 5,4 milhões de crianças até 2030.

Fontes: Organização Mundial da Saúde e Aliança Global para Vacinas e Imunização (Gavi)



É administrada por injeção no músculo da coxa — nos lactentes — ou no músculo da parte superior do braço — nas crianças mais novas

Cientistas conseguem imunizar moradores de 21 vilas em Gâmbia, na África, contra a transmissão do pneumococo, bactéria que provoca uma série de doenças, das mais simples às mais graves. Vacina pode ser usada apenas em crianças e barrar o contágio

» MAX MILLIANO MELO

Em cascata

Em 1796, o norte-americano Edward Jenner desenvolveu a primeira vacina da história contra a varíola. Desde então, por mais de 200 anos o homem vem tentando desenvolver substâncias semelhantes para controlar outras doenças. Foram as vacinas as responsáveis pelo processo de erradicação da paralisia infantil, do sarampo e da febre amarela, entre outros males, em muitos países. Em outras guerras, como a contra a Aids ou a malária, o sucesso dos pesquisadores não tem sido o mesmo. Cientistas do Conselho de Pesquisa Médica de Gâmbia, em colaboração com a London School of Higiene e Tropical Medicine, anunciaram, no entanto, ter conseguido uma vitória importante para o desenvolvimento de mais uma vacina. Eles conseguiram criar uma estratégia de vacinação que barrou a transmissão da bactéria *Streptococcus pneumoniae*, mais conhecida como pneumococo, nos moradores de 21 vilas do país africano.

Velha conhecida da população, a bactéria é responsável pelo desenvolvimento de uma série de doenças, que vão da sinusite e da otite até casos graves de meningite. Como pode se alojar no sistema respiratório de indivíduos fragilizados por gripes, ela é uma das causadoras da pneumonia. Embora atualmente existam algumas vacinas disponíveis contra a pequena vilã, nenhuma é totalmente eficaz, em especial na África, onde o perfil das epidemias de pneumococo é diferente do restante do mundo (veja infografia).

Para barrar a transmissão da bactéria em Gâmbia, não foi necessário imunizar todos os cidadãos, mas apenas as crianças. Para chegar a essa conclusão, os especialistas dividiram em dois grupos as 27 aldeias estudadas. No primeiro, todos receberam a vacina, batizada de PCV-7. No outro, apenas crianças de 6, 12 e 22 meses foram imunizadas. Um terceiro contingente não recebeu qualquer tipo de intervenção e serviu como parâmetro para analisar o impacto da vacina nas regiões estudadas.

As duas estratégias — imunizar apenas as crianças e todos os adultos — tiveram resultados semelhantes: embora os 71,1% da população que tinham a bactéria continuassem sendo portadores, não houve transmissão entre as pessoas. Assim, por ser mais simples e fácil, a vacinação apenas de crianças se mostrou suficiente para imunizar toda a população. “Acontece um efeito cascata. As crianças, por serem mais vulneráveis, são as principais transmissoras da bactéria. Quando se barra a transmissão nelas, consegue-se evitar a contaminação de mais pessoas”, disse ao *Correio*, a epidemiologista gambiana Anna Roca, principal autora do estudo. “Embora todos tenham sido beneficiados, os efeitos vieram um pouco mais tarde para os não vacinados”, conta.

Mesmo nas aldeias onde apenas os pequenos foram imunizados, tanto as crianças mais velhas quanto os adultos não foram contaminados. Segundo Anna Roca, embora o estudo tenha sido feito apenas em relação à transmissão da bactéria, espera-se que os efeitos clínicos nos pacientes sejam semelhantes. “Mesmo não tendo pesquisado diretamente essa questão, acreditamos que efeitos semelhantes devem acontecer em relação à doença”, assinala a pesquisadora africana. “A principal vantagem é que podemos vacinar as lactantes e bebês, durante as vacinações de rotina, e assim proteger toda a população.”

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), nos

países desenvolvidos, onde o acesso aos medicamentos e às vacinas já existentes contra o pneumococo é mais fácil, pelo menos 1 milhão de crianças com menos de 5 anos morrem por ano vítima do patógeno. No Brasil, de acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) — ferramenta do Ministério da Saúde que monitora as doenças de notificação compulsória no país, como a dengue e a febre amarela —, entre 2004 e 2007 foram notificados 5.079 casos de meningite por pneumococo no país, com 1.585 óbitos (ou seja, 31% das pessoas que desenvolveram inflamação nas meninges por conta da bactéria morreram).

De acordo com a infectologista do Hospital Universitário de Brasília (HUB) Valéria Paes, não existe uma forma de se prevenir contra todas as cepas do pneumococo e todos estão expostos. “Com exceção das pessoas que estão com a imunidade baixa, que têm uma chance muito maior de contrair a bactéria, a probabilidade de qualquer um ser infectado é a mesma”, afirma a médica. “Ela é muito comum. Não escolhe classe social, idade ou religião.”

Por isso, enquanto não existe uma solução definitiva para barrar completamente a bactéria, toda a população pode ajudar. “Quando se fala sobre o uso racional de antibióticos, pensa-se também no pneumococo”, conta a infectologista do HUB. “Nos Estados Unidos, há uma preocupação grande com o desenvolvimento de linhagens resistentes aos antibióticos. Felizmente, no Brasil, a situação ainda não é tão grave quanto lá, mas observamos ano a ano o aumento da resistência delas”, afirma Valéria. Isso ocorre porque o uso abusivo do medicamento faz uma espécie de seleção natural, facilitando a sobrevivência daquelas bactérias mais fortes e, por consequência, casos mais graves das doenças.

Imunização no SUS

No Brasil, já existe vacinação contra o pneumococo. Há vários anos, pacientes com a imunidade debilitada, como soropositivos, portadores de anemia falciforme e pessoas que precisam ingerir medicamentos corticoides, já possuem acesso pelo Sistema Único de Saúde (SUS) a uma vacina contra a bactéria, contendo as cepas mais comuns no Brasil do patógeno. Desde o ano passado, a vacina foi inserida no calendário de imunização infantil da rede pública.

www.correiobraziliense.com.br



Leia a íntegra da entrevista com a pesquisadora gambiana Anna Roca.